

COSMOGONIA(\$)

Maria Tereza Scandell Rocco¹

Era uma vez ...

(Usarei o tempo mítico² para esta narrativa. Um breve exercício de lembrança, com as lacunas e deformações a que tem direito um sujeito altamente comprometido e afetado pelos acontecimentos relatados no mito que se segue)

Era uma vez um curso (uma Trieb, quer dizer uma tribo) - este trecho recolho da tradição oral - que pretendia formar psicanalistas, cuidando de evitar os efeitos perversos da análise didática praticada na instituição que se considerava "oficial" na psicanálise. Nesta época o referido curso (a Trieb, o tribo) chegou a aceitar a qualificação de "alternativo" (adjetivo que sempre me arrepiou), pois trazia uma associação a Woodstock e aos movimentos "flower power" que acompanhei em minha adolescência.

Ingressei neste curso no primeiro ano que sucedia ao da cisão dos corpos docente e discente. É claro que ouvi diversas e conflitantes versões sobre o episódio da divisão do curso original nos dois que agora seguiam seus caminhos diferentes. Para não exigir demais da paciência do leitor, restrinjo esta passagem à impressão que me ficou, numa simples e conhecida expressão: "Era muito cacique para pouco índio".

Confesso que fui poupada do conflito de escolher com qual "facção" faria minha formação. Conhecia docentes em ambos os grupos, mas minha condição de professora de faculdade impôs, por questão de horário, o Curso de Psicopatologia e Psicoterapia Psicanalítica. É claro que este nome era a razão social, já que os nomes dos dois

1. Maria Teresa Scandell Rocco / Psicanalista, associada ao Departamento Formação em Psicanálise, 1ª Secretária da Comissão de Administração do Departamento e docente do Curso.

2. "Mito: narrativa de significação simbólica, geralmente ligada à cosmogonia, e referente a deuses encarnadores das forças da natureza e/ou de aspectos da condição humana" (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, Nova Fronteira.)

caciques eram invocados como marca fantasia e pólos transferenciais das respectivas "triebs", digo, tribos, digo, cursos.

Ao final de quatro anos de curso, digo, tribo, o tradicional abismo se apresentava. Como prosseguir a formação? Mais uma vez a resposta vinha de fora: fui convidada para o único espaço que o curso oferecia àqueles que gostariam de permanecer ligados à instituição. A monitoria de seminários teóricos foi, então, para mim, o ponto de partida de uma nova inserção no P.P.P.

Era uma vez, um Centro de Estudos - Cepsi (Centro de Estudos em Psicopatologia, Psicoterapia e Psicanálise) - que foi criado para abrigar a população que, tendo finalizado o curso, digo, ..., mantinha uma transferência com a "Trieb", digo, "tribo", digo, ..., e com a produção científica. O Cepsi ocupava-se da produção de eventos científicos e culturais e durante sua existência foram editadas duas revistas: a "Ensaio" e a "Pathos". Tive a oportunidade de viver este período de perto, formando parte da última diretoria do Cepsi.

Mais um momento traumático ocorria, psovocando nova ruptura e reestruturação na "tribo". Após um período de progressivo afastamento do Sedes e 'engessamento' nas relações, a tensão cresceu até que um setor da diretoria do Cepsi - do qual eu fazia parte - retirou-se, precipitando a explosão que já há algum tempo vinha sendo represada. É claro que o impacto repercutiu também no corpo docente do "curso-tribo", lugar onde se encontravam os focos primários de tensão.

Crise significa oportunidade. O grupo que se mantinha identificado à proposta original e ao Sedes manteve o curso - que já não queria ser tribo - e resolveu fazer um caminho diferente, desta vez, em relação a sua comunidade. Ao invés de criar uma estrutura para ser ocupada, acreditava que a instituição brotaria a partir do trabalho realizado.

Aqui abandono o tempo mítico ... Adoto o tempo da história ...

Aos poucos vão se estruturando, espontaneamente, grupos de trabalho que se organizam em comissões. Nascem a Comissão de Coor-

denação de Curso, a Comissão de Eventos, a Editorial e a Clínica. O curso deixa de ter uma marca fantasia e constrói seu nome a partir de uma ideologia compartilhada: "Formação em Psicanálise".

Agora, um Departamento.

Além dos professores do curso, ex-alunos e alunos responsabilizam-se por sua instituição. O curso passa de pólo central a porta de entrada a uma formação que nunca se completa, abrindo caminho para uma rica vida institucional. Respondendo à nova ideologia, a própria formalização do departamento só se dá após um período informal de funcionamento. (Era curioso ouvir da administração e de outros setores do Sedes a referência ao "Departamento Formação em Psicanálise"). Participei, durante o período informal, das comissões de Eventos e de Coordenação de Curso. Desde dezembro de 1994, quando uma assembléia formalizou o departamento, venho integrando uma nova comissão, a de Administração do Departamento, que tem gestões bianuais. Nestes últimos anos já são realidades uma nova revista, o nosso "Boletim", grupos de trabalho na clínica do Sedes, eventos com figuras nacionais e internacionais e cursos extracurriculares. O corpo de cerca de cem associados do departamento já recebe vantagens especiais em eventos e cursos e poderá, cada vez mais, contar com seu espaço institucional para uma interlocução privilegiada que estimule sua produção científica e aprimoramento pessoal.

E a história continua ...